

# Governo já conta com 237 deputados

No novo Congresso que se instalará solenemente a 1º de fevereiro, a composição de forças políticas será equilibrada entre os parlamentares que devem apoiar o governo do presidente Fernando Collor e os que farão oposição. De acordo com as últimas avaliações dos congressistas, o governo pode contar com o apoio de até 237 deputados, enquanto a oposição deve ficar com 249. Desde já, acredita-se que formarão com o governo as bancadas do PFL (82 deputados), PDS (43), PRN (41), PTB (38) e do PDC (22), além de cinco eleitos pelo PSC e quatro do PSC e PTR - dois cada um, além de dois outros partidos com um integrante cada. O PL, com 16 deputados e o PRS mineiro com quatro ainda não decidiram sua linha de atuação — se irão para o governo, oposição ou farão a linha "independente".

Os partidos que sustentam politicamente o governo já começaram a definir sua linha de atuação - eles pretendem, a partir de fevereiro, colocar em funcionamento o "Frentão", um bloco informal interpartidário de apoio ao presidente Collor. Esse bloco está sen-

do montado à imagem e semelhança do "Centrão", que atuou nos trabalhos da Assembléia Constituinte, com deputados eleitos e reeleitos afinados com o Palácio do Planalto, inclusive do PMDB. É o que se pretende reeditar agora.

## Ajuda do PMDB

O PMDB deverá dar sua "colaboração" por intermédio de novos e antigos deputados "simpáticos" ao presidente da República. O vice-líder do PFL, deputado Luiz Eduardo Magalhães (BA), acha que será preciso garantir a adesão de pelo menos 25 deputados do PMDB. O líder do PRN, deputado Arnaldo Faria de Sá (SP), acredita que bastariam vinte peemedebistas para tranquilizar o governo nas votações na Câmara.

No Senado, líderes governistas acham viável a formação do bloco formal. Não será fácil montar o bloco governista a tempo de disputar a eleição da mesa diretora marcada para dois de fevereiro.

Mesmo assim há dissidências entre os senadores do PFL em se

alinham ao bloco governista, entre os quais Divaldo Suruagy (AL) e Alexandre Costa (MA). O senador Odacir Soares (PFL-RO), candidato a primeiro secretário da nova mesa, está apoiando o candidato do PMDB a presidente, senador Mauro Benevides (CE). "Os líderes decidiram organizar o bloco e só depois pretendem consultar a bancada e com isso não concordo", reagiu Odacir.

Em compensação, o Palácio do Planalto tem aliados fiéis no PMDB, se o bloco não implicar a tentativa de alijar o partido do comando do Congresso: João Calmon (ES), Aloisio Bezerra (AC), Onofre Quinam (GO), Nabor Júnior (AC) e Gilberto Miranda (AM), entre outros. Além disso, há cinco senadores por enquanto sem legenda e que estão sendo devidamente aliciados para dar apoio concreto ao governo Collor - Francisco Rolleberg (SE), Alfredo Campos (MG), Aureo Melo (AM), Carlos Patrocínio (TO) e Meira Filho (DF), este a caminho do PFL. Já foi cooptado o ex-líder do governo Sarney, senador Saldanha Derzi (MS), que ingressou anteontem no PRN.

## Bloco inviável

Ao contrário do Senado, na Câmara os líderes governistas parecem convencidos da inviabilidade do bloco formal devido às restrições regimentais. A bancada, que ingressar em bloco perderá, de fato, sua liderança. O líder ficará sem atribuições e prerrogativas regimentais e, ainda, sem lotação em gabinete, sem franquia postal, telegráfica e telefônica e sem passagem aérea extra. Amaral Netto, do PDS, e Gastone Righi, do PTB, perderiam 30 servidores dos respectivos gabinetes. Daí a decisão de organizar bloco informal, uma "frente" interpartidária.

Para a eleição da nova mesa diretora da Câmara, o "Frentão" deverá aceitar a indicação do presidente pelo PMDB, partido majoritário. Dos sete lugares efetivos, o PMDB teria dois-presidente e 2º vice-presidente - o PFL dois (1º vice-presidente e um secretário), o PDT, PDS e PRN um lugar cada (de secretários). O PTB, PSDB, PT e PDC indicariam os quatro suplentes da mesa.